

EX-TRUTURA E EX-PULSÃO: A SUBVERSÃO DA FAMÍLIA BURGUESA PELA CULTURA BALLROOM

Luccas Trindade Barreto de Jesus

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal Fluminense - UFF, luccas.trindade@hotmail.com;*

Resumo

Há nas bases da constituição familiar burguesa pilares heteronormativos que orientam papéis sociais. Pai, mãe e filhos disputam nesse núcleo um embate de expectativas onde a realização de ideais segue os rumos de uma obrigatoriedade de antemão frustrada. Sobre esse tema a psicanálise se interessa desde Freud que diz que o amor dos pais pelos filhos nada mais é do que a reedição narcísica do amor por eles mesmos. Se algo da singularidade dos filhos emerge e não contempla o desejo dos pais, o destino pode ser de abandono, indiferença e expulsão. Não é incomum que sujeitos LGBTQ+ sejam atingidos dessa maneira e diante do desamparo disso que rompe com a normatividade, outros modos de enlaçamento se inauguram. A cultura ballroom retratada no documentário Paris Is Burning e na série Pose demarca no tecido social um lugar para os excluídos. Na periferia de Nova York, houses são fundadas não em bases consanguíneas, mas de identificação entre sujeitos LGBTQ+ como espaços oferecidos por representantes maternos e paternos que transmitem cuidado, acolhimento e aconselhamento. Assim como introduz Lacan em seu ensino, uma família é fundada a partir de funções simbólicas. Como efeito da ex-pulsão, uma subversão discursiva de ex-trutura.

Palavras-chave: Família, Narcisismo, LGBTQ+, *Ballroom*.

Introdução

O conceito de família se apresenta com um certo tipo de interpretação desdobrada nas bases das normas sociais onde pai, mãe e filho assumem seus devidos lugares nessa estrutura. Na intimidade de cada um desses personagens jaz uma série de conflitos reprimidos pela cultura e descritos por Freud no tabuleiro do complexo de Édipo. Anos depois o ensino de Lacan desencarna essas representações sugerindo que elas são, na verdade, funções subjetivas. Se o sujeito é feito e efeito de linguagem e isso independe de papéis específicos, outras formações de vínculo são possíveis e se dão a partir das dissidências produzidas pelas famílias normativas.

A cultura *ballroom* como um movimento nascido no subúrbio e fundado por membros que fazem parte de minorias sociais, ilustra a possibilidade de invenção de novas famílias que se dão através de vínculos identificatórios que além de acolhimento e proteção, transmitem também a dignidade de um nome, de um sobrenome, além de espaços seguros de interação social. Assim funcionam as *houses*, tendo como liderança em sua grande maioria a figura de uma *mãe* que inaugura uma família com sujeitos expulsos de casa, em situação de rua e em sua grande maioria membros da comunidade LGBT+.

De uma estrutura tradicional mantida por ideias violentos para uma ex-estrutura onde a diferença tem espaço sem que seja preciso ser assimilada pela norma para sobreviver. É desde a expulsão que um sujeito pode frequentar um espaço de mal-estar e só depois inventar uma solução que inclua suas escolhas sem que a única saída seja o adoecimento subjetivo pela aridez da norma.

Metodologia

A intenção desse artigo é pensar acerca da família nuclear burguesa como uma forma entre outras de produzir vínculo social e não a única. Para isso, foi importante passar pelas noções de fundação do sujeito presente no complexo de Édipo em Freud, assim como a interpretação dessa leitura produzida por Lacan que reitera a importância das funções materna e paterna para a inserção do sujeito no campo da linguagem desvinculando, no entanto, essas funções de papéis específicos. A formação familiar como um ideal a ser alcançado produz

uma dívida quando os sujeitos não conseguem responder aos desejos dos pais e muitas vezes são expulsos desse núcleo como restos. Mas é justamente dessa posição marginalizante que alguma saída pode ser inventada, como mostra Grada Kilomba. Novas famílias são formadas e ilustradas aqui pela cultura *ballroom*, esse espaço que responde à opressão com resistência em novos modos de enlaçamento demonstrados, por exemplo, no filme-documentário *Paris Is Burning*, provando que a manutenção violenta de uma tradição pode ser superada.

Referencial teórico

*Céus, e essas novas famílias
Com terras molhadas de amor
Minando qualquer ditador
Marina Lima – Novas Famílias*

Não veio do lugar de uma obviedade biológica o desejo de Alexya Salvador em ser mãe, nem de uma imposição social, mas sim de uma construção muito própria. Antes dessa, muita outras. Alexya transicionou aos 28 anos, conheceu seu companheiro, se casou e a partir desse encontro o desejo se acendeu. Hoje Alexya é mãe de três crianças foralmente adotadas e registradas com seu nome social nos documentos. Dentre os filhos, duas meninas que também se identificam como trans. “Fui a primeira travesti a adotar no Brasil”, diz ela em depoimento à coluna *Universa*, da UOL.

Consanguinidade, herança genética, vínculo, hormônio, neurônio, gênero, natureza, cultura. O que garante a fundação de uma família? Primeiro é preciso pontuar a dimensão ficcional em torno do que se entende enquanto família, já que esse conceito está referido a uma escansão história advinda de milhares de anos, mas que se transforma de acordo com o tempo e do que se idealiza a partir dele enquanto forma materializada, que se dá na prática, produz e é efeito de uma estrutura social.

A família como um pilar necessário para a manutenção da estrutura social atual se apresenta como importante referência na transmissão de leis, costumes e moldes para feitura de vínculo, mas há nessa representação uma dureza. Se o que cabe na moldura do retrato de família são figuras como pai, mãe e filhos, algo dessa construção

revela bases normativas que contemplam certos tipos de parcerias amorosas e suas respectivas filiações em detrimento de outras tantas.

Se o que define as bases da família nuclear burguesa é necessariamente o casamento entre um homem e uma mulher, outros arranjos que escapam a essa norma respondem a um não reconhecimento social justamente porque não fazem o requisito esperado pela nostalgia de modelos estabelecidos em séculos passados. É a dívida, e não a dúvida, o que adoce as formações familiares atuais desde as origens, intaurando nessa pavimentação certa submissão aos modelos ideais. O ideal como único parâmetro possível, orienta, mas cobra.

A tentativa de responder ao ideal se torna uma expectativa de antemão frustrada porque mexe com exigências internas, externas e outras tantas que se dão a partir do laço, mas denuncia a hegemonia de um padrão que não admite diferenciações. Freud, ao dissertar sobre as noções de ideal do eu em *Introdução ao Narcisismo* (1914), adverte sobre o porquê a insatisfação pelo não cumprimento do ideal inside sobre o sujeito como angústia social:

Do ideal do eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. [...] Torna-se mais compreensível porque a paranoia é frequentemente causada pela ofensa ao eu, pelo fracasso da satisfação no âmbito do ideal do eu ... (FREUD, 1914, p. 50)

Ainda no artigo de 1914, Freud dedicado a elaboração do conceito de narcisismo oferece subsídios para o entendimento de que há uma virulência simbólica imposta em forma de projeção despejada dos pais sobre os filhos que se dá numa via dupla: a exigência da manutenção que corresponda à família padrão por parte dos adultos e a sensação impedida de *cumpra-se* que orbita e cristaliza os desdobramentos singulares das crianças. Numa tentativa de produzir um vínculo de (des)semelhança, o narcisismo dos pais é revivido através dos filhos.

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. [...] Os pais são levados a atribuir todas as perfeições - que um observador nelas não

encontraria - e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renivar as exigências de privilégios há muito renunciados. [...] O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, 1914, p. 36 e 37)

Ilustra-se nesse contexto o caráter de captura das diferenciações singulares do sujeito que nasce pela expectativa de continuidade de uma tradição instalada pelos próprios cuidadores. Ainda sobre essa relação fantasiosa, existe pelos pais o desejo de que os filhos possam se enquadrar ao mundo da melhor maneira possível entendendo como melhor a trilha de um certo padrão que supostamente garante proteção. Quando algo escapa a esse padrão por parte dos filhos, consequentemente o narcisismo dos pais é arranhado e a partir disso uma série de violências familiares são desdobradas.

Toda essa narrativa padronizada é preservada, inclusive, por setores que deveriam responder de um lugar de laicidade, mas que de alguma maneira se sentem autorizados a tomar decisões sérias, microfonadas e televisionadas em nome de Deus da moral e da família. A passabilidade é a via pela qual o padrão se densenrola e impõe, como exemplo, o Projeto de Lei 504 que esteve em tramitação na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e que proíbe publicidade de *preferências sexuais* e movimentos de diversidade que tenha alusão à crianças com a justificativa de que pessoas LGBT+ exercem influência danosa e inadequada. O trecho LGBTfóbico da PL 504 foi barrado graças aos esforços movimentados pela deputada Érica Malunguinho, uma mulher trans e democraticamente eleita.

Não é incomum que filhos que se entendam enquanto gays, lésbicas, bissexuais ou que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer e precisam transitar para uma outra configuração, produzam ranhuras nesse aparato ideal familiar e, portanto, heteronormativo. A esses sujeitos destinos como exclusão, segregação e expulsão são atribuídos de maneira a obturar essa marca residual que mancha o conceito da família nuclear burguesa. Restos, dejetos, marginais,

batiza o padrão. De um fim para outros começos, para onde vão esses sujeitos?

O documentário *Paris Is Burning* ((LIVINGSTON, 1991) oferece algumas respostas para essa pergunta quando diante da sua estreia, introduz para o grande público a cena dos *ballrooms* situada no subúrbio de Nova York, onde a comunidade composta por diferentes *houses* promovia competições de performance e dança conhecida como *voguing*. A cultura *ballroom* teve ainda uma importante dimensão histórica para o movimento LGBTQ+ por ter se construído como uma subversão da família nuclear burguesa justamente por efeito dos rejeitos dela. Bichas pretas, travestis latinas, *drag queens*, garotas e garotos de programa formavam naquela cena cultural suas próprias famílias forjadas por vínculos de identificação.

Três elementos são importantes para a estruturação do que se entende como cultura *ballroom*: o sistema de gênero que inclui sujeitos transexuais, a estrutura de parentesco presente nas *houses* e os eventos de competição conhecidos *balls* onde as performances e competições são realizadas. Essa organização cria pilares sólidos que funda a criação de um imaginário coletivo onde sujeitos excluídos socialmente não apenas se reestruturam enquanto grupo, como também se apropriam de uma narrativa onde são protagonistas. É o retorno do conteúdo recalcado.

Na cultura *ballroom* as *houses* são muito mais do que a forma física de uma casa, elas são também a representação de uma interação entre membros que constitui e funda certa unidade familiar. São estruturas que partem de um referencial hierárquico de família nuclear no sentido do respeito aos membros mais velhos, mas ao mesmo tempo escapa às projeções padronizadas pela lógica heteronormativa, já que são frutos de ligações sociais que não tem como pedra fundamental o laço matrimonial entre um homem e uma mulher, tampouco é estruturada nos termos da consanguinidade.

As *houses* batizam suas famílias tomando para si nomes de grifes de famosas, símbolos ou lemas que marcam aquela geração ou que representam uma característica principal de seus membros ou de algum membro protagonista de cada grupo. Cada *house* é criada com estruturas muito próprias, mas tem como fundadores principais suas *mães* ou *pais*, muitas vezes membros mais experientes e encaminhados profissionalmente, e que são figuras que promovem acolhimento, aconselhamento e que transmitem então seus sobrenomes aos *filhos*,

demais membros de orientações sexuais, raças, identidades de gênero e idade diversas. nas palavras de *Pepper Labeija*, personagem do documentário *Paris Is Burning* (1991):

Uma *house*, vou defini-la de maneira bem direta: elas são famílias. Muitas dessas crianças não têm família, mas essa é um novo significado de família. (...) é mais uma questão de um grupo de seres humanos com uma ligação em comum. (LIVINGSTON, 1991)

A fundação da cultura *ballroom* e sua influência no surgimento de diversas *houses* a partir das suas práticas de socialização e parentalidade, foi de grande contribuição para a sobrevivência de sujeitos que, marcados pela exclusão por serem LGBTQ+, se viram expulsos das casas de seus familiares, assim como do apoio financeiro que os mantinham. Dessa forma, em alguns casos as *houses* deixaram de ser apenas uma entidade promotora de socialização entre os membros dos *ballrooms* para ser um espaço físico de acolhimento e de auxílio a esses jovens. Entre as *houses* mais famosas da história dos *ballroom* destacam-se *House of Ninja*, *House of Xtravaganza*, *House of Infiniti*, *House of LaBeija*, *House of Dupree*, entre outras.

A promoção de *balls* direcionados exclusivamente para esse grupo marginalizado e de maioria negra e latina dentro de outros espaços de socialização da cidade de Nova York na época, abriu espaço no tecido social e histórico para que esses sujeitos pudessem desenvolver e transformar suas práticas e performances, como também duelar entre *houses* as inúmeras categorias que valiam prêmios simbólicos como trofeus e prestígio social dentro da comunidade. Toda essa atmosfera de extravagância, brilho e competição noite adentro emulava a realidade das celebridades, personalidades da moda e capas de revista e era justamente desse universo que surgiam inspirações para construir as categorias de competição. As categorias foram criadas para que os membros do *ballroom* pudessem vivenciar situações que por estarem muito longe de suas realidades, só podiam ser experimentadas na fantasia da performance. No centro do baile, vence quem passa pelo crivo dos jurados por cumprir melhor o requisito anunciado por cada categoria temática.

É nesse contexto, inclusive, que nasce o *voguing* como um estilo de dança que acabou ficando conhecida como importante referência da cultura *ballroom*. Das práticas exageradas de implicar e debochar

de maneira sutil entre competidores rivais conhecida como *shade*, até a influência de movimentos do kung-fu e das poses precisas dos hieróglifos egípcios, a dança conhecida como voguing tem como influência de bastismo a imitação das poses das modelos da revista *Vogue*, importante veículo de transmissão dos elementos da norma, mas que no contexto de incorporação pela cultura *ballroom*, deixa de operar apenas à lógica da pressão estética para se transformar em um estilo de dança, de expressão corporal.

Desse modo, corpos antes expulsos por não atingirem as expectativas da norma, se reuniram, criaram um estilo de vida desde os seus guetos e acabaram produzindo ressonâncias justamente naquilo que tomavam com referência. É assim que alguns dançarinos de *vogue* começam a realizar sonhos antes apenas performados nos *balls* ao participarem de grandes acontecimentos como o desfile de *Thierry Mugler* em *Paris* e também do *Roseland Ballroom*, evento beneficente com intenção de levantar fundos para pesquisas sobre a *AIDS* em *Nova York*. Também data desse momento de transição e popularização da cultura *ballroom* a estreia do documentário *Paris is Burning* (LIVINGSTON, 1990) e o lançamento do clipe de *Vogue*, música da cantora pop *Madonna*, que conta com um elenco de dançarinos membros das *houses* que passaram a fazer parte do corpo de baile do show que saiu em turnê pelo mundo afora.

Cabe pontuar que, na época, debates sobre apropriação cultural por parte da indústria da música pop foram disparados por bell hooks (1992) e Judith Butler (1993) em relação ao documentário de Livingston e as intenções de Madonna visto que o que era transmitido e consumido sobre a cultura *ballroom* era apenas de ordem efêmera e superficial. O que se destaca nesse cenário é a capacidade inventiva que se dá a partir e não apesar de experiências marginalizantes que tem como consequência a criação de um espaço de socialização que não fique subordinado a mais processos de preconceito e marginalização, além daqueles já provenientes da sociedade heteronormativa em relação às experiências LGBT+. É no segundo capítulo de seu livro *Memórias da Plantação* (2008) que Grada Kilomba faz uma importante contribuição sobre o ímpeto criativo que floresce em espaços marginalizados:

[...] a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade.

A margem se configura como um “espaço de abertura radical” (hooks, 1989, p. 149) e criatividade onde novos discursos críticos se dão. é aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas. [...] Assim, a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e imaginar mundos alternativos e novos discursos. (KILOMBA, 2008, p. 68)

Grada ainda alerta sobre o possível perigo de romantização da opressão presente no discurso de que a margem é também um lugar de criatividade, mas mais uma vez citando hooks, o caminho proposto é o de esgarçar essa compreensão através do “simples reconhecimento da margem como uma posição complexa que incorpora mais de um local” (KILOMBA, 2008, p. 68). A margem se apresenta como um lugar que comunga repressão e resistência. e, portanto, frequentar a exclusão produzida pelas estruturas dominantes é também abrir caminho para inaugurar outros atentados. Como exemplo, na cultura *ballroom* o significado de família se desloca e ganha uma outra dimensão.

O que é preciso para consistir uma família? Parece que alguma coisa entre inserir o sujeito no universo da linguagem, situar sua imagem e seu momento histórico, dar um nome, transmitir um sobrenome, oferecer um lugar social e proteger das violências e abusos do mundo externo. Nada disso tem a ver com gênero, menos ainda com consanguinidade. Isso porque a biologia não determinante dos laços filiais, eles são construídos através das convenções, do manejo do simbólico, daquilo que é possível nomear. A biologia também não garante o vínculo. Ele acontece na medida dos cuidados e investimentos do dia a dia.

Tratar desse tema no terreno da teoria psicanalítica é olhar para o passado e se perguntar se a psicanálise está apoiada num certo modelo de família. Na Viena vitoriana do século XIX, a estrutura social era formada pela família nuclear burguesa e eram desse núcleo os sujeitos muitas vezes ouvidos por Freud. Mas havia algo de subversivo naquela escuta uma vez que algo do sexual e, portanto, antes recalcado, emergia à cena e desenhava o conflito entre normas sociais e desejos inconscientes: eis a neurose. A psicanálise nasce fazendo uma série de denúncias: a sexualidade infantil, assim como a sexualidade

feminina existem e a histeria revela ao campo da medicina uma completa ignorância acerca dos processos subjetivos.

Há uma impressão sobre a trama edípica que triangula no centro dos núcleos familiares uma história composta por mãe, pai e bebê que engendram excesso, castração e incesto que se realizam não em outro lugar, senão na fantasia. Lacan sustenta que é pela via da linguagem que se dá a criação de laços do sujeito com o mundo e é também a partir dela que se pode esgarçar o que se entende como família, já que o que funda o sujeito não é a figura de pai e mãe, mas funções materna e paterna que podem e são desempenhadas por pessoas ou elementos distintos, independente do gênero.

A cada família uma composição particular que transmite à criança essas duas funções enquanto efeitos psíquicos no laço social. Esses efeitos psíquicos escorrem pelas vias onde se dão a satisfação de necessidades mais básicas de uma criança que é totalmente dependente ao nascer. O que está em jogo aqui é muito menos o ambiente familiar, mas sim a linguagem que também é uma camada de revestimento de cada sujeito. Nesse ponto se inaugura a importante noção de *função materna*, que está intimamente ligada aos primeiros cuidados dedicados a uma criança desde a construção de uma relação com a própria imagem às primeiras descobertas de si.

A função materna opera então como um significante que abre caminho ao campo do desejo que situa através do acolhimento a permissão, através de investimentos e interpretações, que aquela criança possa existir. Um vínculo que se funda com base em ser algo para alguém traz consigo uma dupla injunção: ao mesmo tempo que é vital para o estabelecimento de um sujeito através dos olhos que libidinizam e das palavras que dão sentido, é também mortífera uma vez que estar completamente referido a esse outro impossibilita que o sujeito se diferencie e possa, portanto, falar em nome próprio.

É efeito de cultura que mais frequentemente a mãe se ocupe desse lugar para uma criança, mas, independente de qual for a conjunção familiar, não há equivalência entre mãe e função materna. O que existe é a formação de um vínculo que serve de suporte para o campo da linguagem e seu tesouro de significantes. Segundo Lacan, em seu Seminário 5: as formações do inconsciente, “A primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo.” (LACAN, 1957-1958, p. 186). A função materna faliciza, mas também

produz uma alternância entre presença e ausência que inaugura na criança a experiência da falta e a percepção de que a mãe tem outros interesses e a criança não é objeto exclusivo de satisfação materna. A essa inscrição da falta dá-se o nome de *desejo da mãe*.

A introdução de um terceiro termo que opere como barra a essa relação de engolfamento para que a criança consiga se ver de outros pontos de vista e assim também possa se relacionar com outros significantes presentes na cultura é conhecida como *função paterna* e ela é um desdobramento da função materna e que transmite o nome e o não. Como uma função simbólica, a função paterna nomeia a falta localizada no Outro, desde o desejo da mãe e representa um limite. A função paterna não é a interdição em si, mas veicula essa representação. A essa representação dá-se o nome de *Nome do Pai*. Desse modo, a interdição é a função simbólica e permite situar, na estrutura, um elemento de real: a impossibilidade de fazer um com o Outro.

A leitura que Lacan faz do Complexo de Édipo se desenha como a fórmula da metáfora paterna que demonstra através do desejo da mãe e do Nome do Pai, os termos lógicos da interdição do incesto. A fórmula lacaniana recupera, atualiza e mostra que o que acontece na trama edípica diz respeito a funções psíquicas e não relações familiares incestuosas. O complexo de Édipo é, portanto, na leitura lacaniana da teoria de Freud, essa estrutura simbólica, que não se reduz ao triângulo familiar tradicional, mas de elementos simbólicos que a compõem: a função materna e a função paterna.

Todo o caminho percorrido até aqui tem a intenção de interrogar a manutenção de uma tradição que elege um modelo único de estrutura familiar forjada em pilares normativos em detrimento de uma série de outras estruturas formadas a partir das dissidências que escapam à norma, mas que inventam formas dentre outras de enlaçamento familiar. É nos confins da exclusão que a tradição pode ser superada quando se é possível, através do vínculo de identificação a formação de novas famílias que ampliar em sua constituição o que significa ser pai, mãe e filho, uma vez que elos afetivos não tem necessariamente a ver com sangue, mas com uma eleição.

Aqui, a cultura *ballroom* entra em cena como prova de que é possível fazer vínculo mesmo depois do trauma da ex-pulsão. Sujeitos LGBTQ+ se reorganizam através de um sistema de *houses* onde, além das paredes de uma casa, tem direito a um nome, a um sobrenome e a maneiras mais justas de estar no mundo, já que o que há de mais

pulsional na pulsão é sua indeterminação e vontade de um para além que não se abrevia a ordenações binárias, mas faz furo nessa lógica. Esse histórico ancestral se atualiza no presente através da luta de movimentos sociais pela garantia de leis que assegurem judicialmente a proteção, o casamento e a adoção feita por sujeitos LGBTQ+.

A teoria psicanalítica, nesse ponto, quando amplia a leitura dos complexos familiares e desencarna as funções materna e paterna de representações de gênero específicas, contribui promovendo um deslocamento do contexto de família para a função da fala o campo significativo do desejo. Pluralizar as formas de vínculo se coloca então como um desafio de não assimilação à norma em busca de garantias sociais, mas de tornar possível a preservação das singularidades e de como elas se apresentam e se enlaçam no tecido social.

Resultados e discussão

Aqueles que não são contemplados pelas normas sociais se agrupam não pelo vínculo consanguíneo, mas por identificações em comum. Nesse sentido, o movimento LGBTQ+ situa em suas raízes espaços de acolhimento e também de luta social desde as *houses* fundadas nas periferias de Nova York até os coletivos artísticos como a Batekoo, subvertem o conceito de família burguesa e oferecem outros modos de configuração familiar. .

Considerações finais

O mesmo tecido social que impõe a expulsão dos sujeitos desviados, também oferece um rearranjo possível onde, pela via da identificação, outros grupos são formados denunciando que a estrutura familiar burguesa é um conceito violento, ultrapassado e hoje, mais do que nunca, responde de um lugar de ex-estrutura. É importante situar a cultura *balroom* como espaço pioneiro de agrupamento social e também de preservação subjetiva para membros da comunidade LGBTQ+, sobretudo para pessoas pretas, mulheres trans e imigrantes latinos. Mais ainda, assumir que esse movimento criou sementes que se desdobram até hoje, inclusive no Brasil em cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo contam com suas *houses* e *balls* próprias, como a mundialmente conhecida *Vogue Fever BH*.

Existem ainda iniciativas voltadas para comunidade LGBTQ+ como a *Casa Nem* (RJ), que funciona como espaço de acolhimento para pessoa em vulnerabilidade social e que abriga projetos como o *PreparaNem*, curso pré-Enem voltado para o público; além *Casa 1* (SP), importante espaço de acolhimento para LGBTQ+ expulsos de casa e também centro cultural que abriga palestras, biblioteca e eventos abertos ao público; e o *TransVest* (BH), projeto que tem uma intenção pedagógica de reintegrar travestis e transexuais na sociedade através da educação; entre outros tantos espalhados Brasil afora.

Como semente importante para a manutenção da memória política da cultura *ballroom*, a estreia da série ficcional *POSE* (2018), com o maior elenco de mulheres trans já visto, coloca uma importante lupa no funcionamento familiar presente nas *houses* e não resume a história apenas aos bailes e performances de dança. Em cena aparecem os dramas de cada personagem lutando pela auto-aceitação, elaboração de traumas muito íntimos, envolvimento com prostituição como saída financeira, drogadicção como alternativa para amortecer traumas e a narrativa densa sobre a epidemia de *AIDS* que subtraía membros da comunidade LGBTQ+ e parecia não contar com a atenção necessária das políticas públicas de uma sociedade que operou na direção de uma necropolítica, decidindo pela via da negligência quem podia morrer. A série foi um sucesso de crítica, de premiações e é sem dúvidas um marco para a comunidade LGBTQ+ em muitos sentidos.

Recordar, repetir, elaborar, dizia Freud sobre os processos subjetivos do sujeito. Não há como dar passos adiante sem lidar com o que jaz instalado na memória para que então, só depois, possam ser produzidas novas saídas. Se existe um ideal imposto sobre o que se entende como família, e esse ideal produz exclusão mesmo sendo formado em séculos passados, é preciso recorrer a outras ex-truturas que também funcionam preservando as diferenças em busca da conquista de direitos.

Referências

FREUD, Sigmund. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. Em: *Obras Completas*, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KILOMBA, Grada. (2008). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAWRENCE, T. Voguing and the Ballroom Scene of New York, 1989-92. New York, Soul Jazz Books, 2011.

PARIS IS BURNING. Direção: Jeannie Livingston. Produção: Jeannie Livingston. Estados Unidos: Miramax Films, 1991.

POSE. Autores: Ryan Murphy; Janet Mock; Our Lady J; Brad Falchuk; Steven Canals; Todd Kubrak. Estados Unidos: Color Force; Brad Falchuk Teley-Vision; Ryan Murphy Television; Touchstone Television; FXP, 2018.